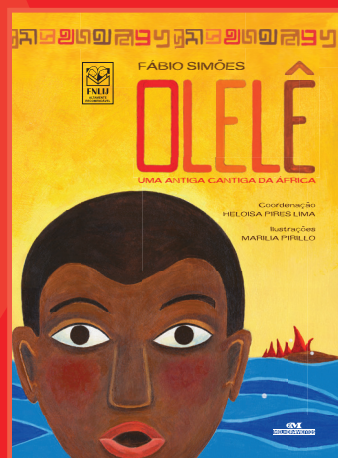


MATERIAL DIGITAL DE APOIO AO PROFESSOR





Livro:

Olelé – Uma Antiga Cantiga da África

Autor:

Fábio Simões

Ilustradora:

Marília Pirillo

Coordenadora:

Heloisa Pires Lima

Editor responsável:

Leila Bortolazzi



Sumário

1. Sobre a obra	03
2. Contextualização: autor e obra	04
3. Motivação para a leitura	05
4. Justificativa: obra, categoria, tema e gênero	06
5. Subsídios, orientações e propostas de atividades para a abordagem da obra literária com os estudantes	08
6. Abordagem interdisciplinar	10

SOBRE A OBRA

Idioma: língua portuguesa

Categoria 4: obras literárias voltadas para as estudantes do 1^o ao 3^o anos do ensino fundamental

Temas:

- Autoconhecimento, sentimentos e emoções
- O mundo natural e social
- Encontros com a diferença
- Aventura, mistério e fantasia

Gêneros literários: conto, crônica, novela, teatro, texto da tradição popular

CONTEXTUALIZAÇÃO: AUTOR E OBRA

Na época da cheia, quando as águas do Rio Cassai sobem, quem está nas áreas baixas precisa migrar para os lugares mais altos. É hora de cantar a música que vai dar coragem às crianças que terão de atravessar o rio. Kala, o homem mais velho do lugar, chama os mais novos assim: “Olelé, olelé!”. Os meninos e as meninas entendem que devem reunir-se, entrar nos barcos e começar a perigosa travessia. Então, Kala ensina aos mais novos uma cantiga de coragem. A obra *Olelé – Uma Antiga Cantiga da África* resulta das pesquisas de Fábio Simões acerca das musicalidades africanas. Estudioso dos instrumentos tradicionais do continente, o autor desenvolveu, ainda, a habilidade de confeccioná-los no Brasil. Em meio a esses sons, recolheu a melodia que deu origem a este projeto editorial. O resultado é uma narrativa que vai revelando os sentidos da cantiga cantada na língua lingala, própria dessa região. O trabalho da ilustradora Marília Pirillo utiliza padrões estéticos luba na composição visual. A obra recebeu o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantojuvenil (FNLIJ), em 2016, na categoria Reconto, e foi selecionada para o Catálogo da FNLIJ para a Feira de Bolonha/2016.

MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

Olelê – Uma Antiga Cantiga da África é uma publicação coordenada pela antropóloga Heloisa Pires Lima, cujo nome é dos mais representativos entre os estudiosos da cultura africana no Brasil. Um dos princípios respeitados nesta publicação é o de esclarecer ao público infantil um equívoco ainda muito comum em escolas brasileiras, quando o assunto é África. Comumente tratada como uma região homogênea ou mesmo como um país, a África é, como sabemos, um vasto, rico e diversificado continente. Daí a importância de se definir, desde as primeiras páginas, em que parte da África tem origem esta história: às margens do rio Cassai, localizado na atual República Democrática do Congo. Trata-se, na verdade, da história de uma cantiga tradicional nesta região que narra a aventura de se atravessar o rio. Representa a maneira de os congoleses transmitirem, pela palavra cantada, a relação de respeito entre as pessoas e a natureza. Ao criar uma história que explica a origem da cantiga Olelê, o autor narra aspectos culturais próprios de muitos povos tradicionais da África: o valor dado à palavra dos mais velhos (personagem Kala), a relação sagrada com os elementos da natureza, a variedade linguística do continente e o apreço pela música.

JUSTIFICATIVA: OBRA, CATEGORIA, TEMA E GÊNERO

A canção “Olelê moliba makasi” pode ser facilmente encontrada na internet, em várias versões. A proposta inovadora do autor, ao contar uma história envolvendo a cantiga, destaca temas como o alto valor do relacionamento entre gerações ou a importância de lidar com os medos. Embora os conteúdos sejam universais, aqui eles aparecem articulados à história dos povos Cassai. Portanto, o literário promove o encontro com uma África particular, por meio de dois gêneros que se entrelaçam – a prosa e a poesia. A narrativa apresenta cenário, personagens, tempo e espaço demarcados, em meio aos quais uma canção se faz ouvir, dando movimento aos acontecimentos e desenvolvendo uma breve aventura: a travessia do rio, durante a cheia.

Uma narrativa de aventura, repleta de cores, símbolos e imagens, durante a qual uma cantiga adquire valor especial, certamente atrairá os pequenos leitores, envolvendo-os duplamente: pelo desejo de descobrir o desfecho da história e pelo prazer de entoar versos em outra língua e decifrar seus sentidos.

Tais características literárias de *Olelê* colocam a obra em consonância com as habilidades previstas para as séries iniciais do ensino fundamental na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na área de língua portuguesa, campo literário, como por exemplo: “*Ler e compreender, com certa autonomia, textos literários, de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura*”. (EF02LP26) Ler e cantar a cantiga apresentada como texto poético também favorece o alcance de habilidades específicas para este segmento previstas na BNCC: “*Apreciar poemas e outros textos versificados, observando rimas, sonoridades,*

jogos de palavras, reconhecendo seu pertencimento ao mundo imaginário e sua dimensão de encantamento, jogo e fruição”. (EF12LP18)

As páginas finais, com informações adicionais sobre a origem da cantiga, mapa da África, letra e partitura da cantiga, conferem ainda mais consistência ao aspecto cultural que atravessa a obra.

SUBSÍDIOS, ORIENTAÇÕES E PROPOSTAS DE ATIVIDADES PARA A ABORDAGEM DA OBRA LITERÁRIA COM OS ESTUDANTES

Antes da leitura:

Há ao menos duas maneiras de introduzir a obra com as crianças: começando pela cantiga ou pela história. Vamos aprender uma cantiga que vem lá do coração da África? O leitor, da mesma forma que o autor, realiza várias travessias iniciadas no contato com o canto em língua congoleza. Caso opte pela música, o professor pode começar a leitura do livro de trás para a frente, partindo da letra da cantiga, de preferência acompanhada por algum instrumento musical (ou mesmo por uma versão encontrada na internet) e das informações paratextuais que contextualizam a origem da canção (texto informativo, mapa etc.). Se preferir, o professor pode também dar início à leitura do livro na ordem das páginas tal como se apresentam, lançando, no entanto, uma provocação: vamos conhecer a origem de uma canção importante para os povos que vivem às margens do rio Cassai, no Congo. Por que será que essa é uma cantiga tão importante?

Orientações e propostas:

Ler mostrando as ilustrações é importante, já que há um projeto gráfico em consonância com o ritmo da narrativa. Nas páginas 14 e 15, por exemplo, o *zoom* no rosto da criança às margens do rio, imaginando as águas agigantando-se, merece uma apreciação mais demorada e algum breve comentário sobre esse momento da narrativa. Há padrões estéticos lúbia na composição visual das imagens e isso também deve ser devidamente apreciado. Nas páginas 16 e 17,

por exemplo, elementos da arte luba fluem nas águas do rio. Vale a pena mostrar essas páginas devagar e voltar a elas depois de terminar a leitura.

Os trechos em que a cantiga se insere na narrativa podem ser cantados pelo professor, acompanhados de algum suave instrumento musical. Pode-se, também, mostrar as páginas com a escrita de trechos em outra língua – lingala.

Após a leitura:

Depois de ouvir as impressões das crianças sobre a narrativa e também sobre a cantiga, vale a pena retomar trechos que se destacaram durante a leitura, chamando a atenção das crianças para detalhes no texto e nas ilustrações. Por exemplo: pode-se retomar o trecho da página 16: “O rio ficando fundo, ficando bravo, perigoso, dá medo! Cadê coragem para a travessia?”. Essa questão pode ser respondida de várias maneiras pelas crianças e convém acolher, sempre buscando apoio na obra. No modo de ser Cassai, o relacionamento entre gerações não pode perder o equilíbrio, assim como o barco na correnteza. O remar – luka, luka – é o vigor para cumprir a jornada. Não cabe o medo nessa embarcação de remadores valentes inflados de pertencimento. Essa harmonização das emoções está entre o uno e o todo. Outra passagem interessante fala que “prestar atenção é o jeito mais rápido de aprender” (p. 10). Nesse trecho, destaca-se o modo como Kala mantém a atenção das crianças reunidas em roda. A roda inspira e expira, fortalece e prepara para a travessia conjunta.

ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

Geografia:

- Localizar no mapa as águas de onde vem a cantiga – o rio Cassai – permite ultrapassar a percepção equivocada da África como um “país” homogêneo, auxiliando na percepção da pluralidade do continente. O lingala, na verdade, é uma língua moderna vinculada à história dos europeus naquela região, colonizada até os anos 1960 por belgas, que, quando lá chegaram, nomearam as diversas populações ribeirinhas de bangala, isto é, povo do rio. Nesse processo surgiu uma espécie de língua de mercado com termos de várias línguas, que eles chamaram de lingala, ou a língua dos bangala. No entanto, em tempos mais remotos, os lusitanos já haviam passado por lá, o que pode explicar por que algumas palavras lingalas se parecem com as palavras do português. Por essa vertente, sugerimos a ludicidade como forma de abordar tema tão complexo sobre as famílias linguísticas do continente. Vamos brincar de falar lingala (página 31 do livro) e amplificar a musicalidade regional? A cantiga “Olelé” carrega uma ideia musical em formato de pergunta e resposta.

História:

- Historicamente, é possível informar que, onde hoje vive o habitante Cassai, no passado havia impérios africanos, como as populações luba e kuba, entre outras etnias bantu. Na página de rosto há uma alusão a esse vínculo por meio de um mito de criação luba: “Após Kabezya-Mpungo criar o mundo ele decidiu ficar invisível. Então, harmonizou a chuva, o Sol, a Lua, as trevas e os seres humanos,

que não tinham, ainda, coração. Entregou-lhes um. Foi assim que ele continuou a passear de geração em geração sem ser visto”.

Artes visuais:

- Explorar no acervo luba as formas lógico-matemáticas pode ser um caminho interessante, sobretudo sua presença nos tecidos. Que tal investigar e recriar adornos e decorações luba? Essa é uma forma de produzir conhecimento a respeito das sociedades negro-africanas reais em sentidos culturais expondo modelos de humanidade construtivos.

Música:

- No coração da floresta há, por exemplo, a requintada arte do povo baka, que canta acompanhado por tambores de água, sempre em coro. Investigações escolares podem seguir pela atualidade. A República Democrática do Congo oferece ao mundo a “muziki na biso” (“nossa música”), incorporando a rumba da América, guitarras e o *rap*, mesclando tendências como acontece em todos os lugares. Cantar e ouvir “Olelé” e treinar o coro de duas vozes está bem trabalhado na seção informativa das páginas finais – as orientações assinalam até as entradas de cada conjunto de vozes. Para educadores da área de música, há a partitura para coro, que deve auxiliar os ensaios. Esta é uma oportunidade para refazer uma travessia entre a África e o Brasil. Recolocando, dessa vez, o prazer e a grandeza, diminuindo ignorâncias, aumentando o respeito e a equidade nos livros que habitam as bibliotecas. Não é incrível a infância do lado de lá ensinar uma cantiga de coragem para a infância do lado de cá?